

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO
21 e 26 de Abril de 2023

NAERATA OMETI / 1985 “Jogos Para Adolescentes”

um filme de Leida Laius, Arvo Iho

Realização: Leida Laius, Arvo Iho / Argumento: Silvia Rannamaa, Marina Sheptunova / Direcção de Fotografia: Arvo Iho / Montagem: Kersti Miilen / Som: Olga Alp, Enn Säde / Música: Lepo Sumera / Direcção Artística: Erkki Tomson / Guarda-Roupa: Helle Janson, Reet Peramets / Interpretação: Monika Järv (Mari Lehiste), Hendrik Toompere Jr. (Robi), Tauri Tallermaa (Tauri), Katrin Tamleht (Katrin), Kerttu Aaving (Kerttu), Edith-Helen Kuusk (Melita), Siiri Sisask (Siiri), Janika Kalmus (Anne), Helle Kuningas (professor), Mari Lill (mãe de Robi), Evald Hermaküla (pai de Mari), Eduard Tinn (pai de Tauri), Anneli Aunap, Rein Pakk, Manfred Kärblane, Rudolf Allabert, Maria Klenskaja, Evald Aavik.

Produção: Tallinnfilm (República da Estónia/URSS) / Produtor: Ants Tomband / Cópia: em ficheiro, cor, falada em estónio, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 88 minutos / Primeira apresentação pública identificada: Agosto de 1985, União Soviética / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Em **Naerata Ometi**, realizado conjuntamente por Leida Laius e Arvo Iho, que também assina a fotografia do filme, a protagonista é uma adolescente cujo nome é Mari, e que é entregue a um orfanato após a morte da mãe. **Naerata Ometi** é assim uma obra que de algum modo aborda um tema tabu na cinematografia da ex-União Soviética, ao centrar-se sobre tal internato para onde eram enviadas as crianças órfãs ou aquelas que viviam em famílias disfuncionais. A jovem Mari seguiu as regras de um sistema que a afasta de um pai alcoólico, percebendo numa das primeiras sequências do filme (e o espectador também) que não tem qualquer hipótese de voltar a casa. É assim nesse internato que Mari terá de sobreviver, no meio de outras crianças que carregam consigo marcas diferentes de um passado problemático. Um internato que junta crianças de todas as idades e que pode assim ser visto como um retrato indirecto de uma sociedade em transformação, em que cada um procura encontrar o seu rumo, não obstante as muitas dificuldades.

Trata-se de uma história de sobrevivência e de crescimento num período de mudança tão complexo como a adolescência, que é filmada com muita sensibilidade. E se a realizadora estónia, Leida Laius, já transportava uma grande experiência na realização, e era conhecida pelo papel que o seu cinema atribuía às mulheres em retratos muito próximos da realidade, em **Naerata Ometi** opta por associar-se a Arvo Iho com quem havia trabalhado antes como director da fotografia, e que aqui assina a sua primeira

longa-metragem. Laius (1923-1966) formou-se em 1950 no Instituto de Teatro da Estónia e em 1962 concluiu o curso no famoso VGIK, em Moscovo, que reuniu tantos dos cineastas oriundos das várias repúblicas soviéticas e não só. Depois de vários trabalhos como atriz, começou a trabalhar no estúdio estónio Tallinnfilm no início da década de sessenta, onde assinou cinco documentários e sete longas-metragens entre as quais **Naerata Ometi**, que realizou já em 1985.

Arvo Iho (n. 1949), que acumulou ao longo dos anos um grande currículo como director de fotografia na Tallinnfilm, foi assistente de Andrei Tarkovsky em **Stalker**, estreando-se na realização a solo dois anos depois deste filme. Mas antes já havia trabalhado com Laius, que o havia convidado a dirigir a fotografia de vários dos seus filmes. Três deles ficariam conhecidos como uma trilogia cujas protagonistas femininas espelhavam os seus sonhos e aspirações. Tanto os documentários, como as primeiras longas-metragens de Laius – **Mäeküla piimamees** (1965), **Wolf** (1968), **Ukuaru** (1973) ou **Kõrboja peremees** (1979) – são consideradas como exemplos maiores da cinematografia estónia consagrados a um retrato e a uma reflexão sobre o papel das mulheres numa sociedade bastante desigual. Mais “juvenil”, **Naerata Ometi**, também conhecido como “Jogos Para Adolescentes”, aborda algumas das mesmas questões, mas ainda numa fase precoce.

Conquistando as audiências da altura pela sua honestidade, **Naerata Ometi** não escapou à censura posterior à sua rodagem, para além da censura prévia e da autocensura que norteou as filmagens. Se a sequência em que uma menina é colocada numa máquina de é bastante violenta, outras igualmente (ou mais) violentas terão sido retiradas ao filme. Arvo Iho confessará mais tarde que conhecerá bem a crueza da realidade dos internatos, pois ele próprio morou num internato especial de Rakvere entre 1964 a 1967, numa altura em que os pais não se podiam ocupar dele. Por outro lado, o filme baseia-se num livro da escritora Silvia Rannamaa que frequentou a mesma escola alguns anos antes. Ainda segundo Arvo Iho, o internato escolhido foi o de Tilsa por ser um lugar remoto, longe do olhar de Moscovo, que facilmente poderia condenar o filme pelo seu realismo. Mas não obstante todas estas vicissitudes, o filme foi um sucesso. Como confessaria o realizador quase trinta anos depois da rodagem: “Os governos podem mudar, mas os divórcios, os pais descuidados, os orfanatos e a violência entre os filhos não vão desaparecer em lugar nenhum, e o instinto humano de auto-preservação permanece”. É esta realidade que retrata **Naerata Ometi** mas, na sua atitude semi-documental, retrata também o espírito de solidariedade e de entreajuda que se estabelece entre as crianças, e a existência de interstícios em que lhes é permitido sonhar. Se Mari – na admirável interpretação de Monika Järv – várias vezes parece baixar os braços e desistir, é também ela que salvará outras crianças mais pequenas do desalento. Deve-se a Monika Järv o momento mais luminoso do filme, em que recorrendo à brincadeira, instila magia na percepção do mundo de uma menina.

Joana Ascensão